

SETOR BRAILLE: A GUIA DA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS

Cláudia Mascarenhas Robatto*

RESUMO: *O referido trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida com vinte e um deficientes visuais com o objetivo de apontar para a sociedade a importância do Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia no processo de inclusão educacional desses deficientes visuais. Os resultados encontrados no presente estudo foram de grande utilidade para todos os participantes deste processo, desde os deficientes frequentadores da biblioteca até aos profissionais e voluntários envolvidos.*

Palavras-chave: Educação inclusiva; Deficiente visual; Setor Braille

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva visa garantir a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo de todos os alunos, respeitando os limites e o potencial de cada educando.

A observação das dificuldades encontradas pelos educandos com deficiência visual para avançar no processo educacional provocou uma inquietação que foi determinante neste trabalho. Neste artigo, encontra-se o resultado de uma pesquisa efetuada no Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, que teve como objetivo formular um trabalho de conclusão da especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação/UNEB.

Diante do exposto, o presente estudo tem como pergunta investigativa: Como o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia contribui no processo de inclusão educacional dos deficientes visuais?

A pesquisa tem como objetivos identificar os usuários com deficiência visual que são inseridos no contexto educacional; investigar como o acervo da biblioteca facilita o processo de inclusão educacional dos sujeitos pesquisados e a atuação dos profissionais que trabalham na biblioteca.

QUADRO TEÓRICO

A inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais no contexto educacional é considerada um dos obstáculos a serem superados na educação brasileira.

Para algumas pessoas, esta inclusão ainda não ocorre devido as dificuldades encontradas no processo educacional, tais como a falta de qualificação dos profissionais envolvidos e materiais inadequados e insuficientes.

Para que estes problemas possam ser minimizados na nossa sociedade, é de fundamental importância conhecer de que maneira o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Biblioteca Central) vem atuando perante aos usuários com deficiência visual no processo de inclusão educacional.

O processo de inclusão é lento e com muitos desafios. É necessária uma mudança física e estrutural para que haja uma inserção dos alunos com necessidades especiais nas salas de aula e nas escolas regulares.

* Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira pela UCSal; Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela UNEB. Aluna do Curso de Especialização em Estudos Lingüísticos e Literários pela UFBA. E-mail: caumr@ig.com.br.

Os materiais pedagógicos precisam de especial atenção, pois alunos portadores de necessidades especiais, por fugirem do padrão, independentemente do local, têm sua autonomia relativizada pelos equipamentos e objetos auxiliares disponíveis a seu uso.

Conforme Stainback, Stainback (1999, p. 30-31):

As pessoas com deficiência necessitam de instruções, de instrumentos, de técnicas e de equipamento especializados. Todo este apoio para alunos e professores deve ser integrado e associado a uma reestruturação das escolas e das classes.

As escolas devem criar condições para que as pessoas possam superar suas deficiências. Devem acreditar nos benefícios que esses alunos poderão tirar da nova situação, especialmente nos casos mais graves. É preciso re-significar a escola, direcionando-a para um ensino de qualidade e, em consequência, inclusivo, democratizando a educação.

Segundo Mantoan (1999, p.3), o que tem sido feito nas escolas brasileiras

São projetos de inclusão parcial, que não estão associados a mudanças de base nas escolas, mas a criação de espaços escolares semi ou totalmente segregados (classes especiais, salas de recurso, turmas de aceleração, escolas especiais, serviços de itinerância).

Observamos, então, que o que vem ocorrendo na prática educacional do Brasil não se coaduna com a Constituição Federal, e com a LDB, que são a legislação que regulamenta a educação no país e que preconizam no artigo 208 e artigo 58, respectivamente, que a educação dos portadores de necessidades especiais deve ser oferecida na rede regular de ensino, com apoio especializado quando necessário.

Diante desse panorama da educação no Brasil e a busca de uma educação inclusiva, objetivando demonstrar a todos que ela é possível, basta acreditar no potencial e na capacidade de avanço dos indivíduos com necessidades especiais, reconhecendo-os como cidadãos, é que exponho o resultado desta pesquisa efetuada no Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia com a participação de vinte um deficientes visuais², freqüentadores deste local. A pesquisa salienta o posicionamento do entrevistado frente à educação inclusiva e a participação da Biblioteca Pública do Estado da Bahia no processo inclusivo dos deficientes visuais. Essas categorias foram construídas através das questões norteadoras.

Posicionamento do deficiente visual perante a educação inclusiva

Quando perguntados sobre a sua posição perante a educação inclusiva, os depoimentos recolhidos denotam que os deficientes, de uma maneira geral, não se sentem excluídos na sua unidade de ensino.

Não. Meus colegas e professores sempre colaboram comigo (Ciclame).

Não. Somos tratados de maneira igual. A única coisa que difere é que temos um professor itinerante que ajuda a gente (Lírio).

Não. Mas não podemos esperar que a sociedade nos inclua. Nós temos que nos incluir (Orquídea).

Eu não me sinto excluída porque eu me incluo, mas a faculdade não é uma instituição inclusiva, ela é excludente (Tulipa).

Não. Eu não permito que isso aconteça (Papoula).

Na verdade, os deficientes demonstram que eles não são excluídos porque não o querem ser, e não por se sentirem integrados pela sociedade. Isso contraria o princípio da inclusão que diz ser papel da sociedade promover a inserção das pessoas por ela mesma segregadas.

Apesar da grande maioria dos entrevistados sentir-se incluída no contexto educacional, encontramos o depoimento abaixo, que difere dos demais.

A educação inclusiva é utópica. Não me sinto excluída na minha faculdade (Rosa).

Esta afirmação indica um ceticismo embora presente, também, uma contradição. Rosa não acredita na inclusão dos deficientes no processo educacional, ao tempo em que não se sente excluída, mesmo sendo uma deficiente visual.

Embora a escola, na maior parte das vezes, não esteja preparada para receber os deficientes, estes encontram quase sempre a compreensão dos professores.

Não creio que a escola esteja preparada, nem pelos espaços físicos nem os profissionais que nela trabalha, apesar da boa vontade dos mesmos (Miosótis).

Nenhuma escola está preparada para nos ajudar. Mas os professores sempre nos ajudam, até mesmo porque a gente cobra deles que isso aconteça (Orquídea).

Não. Ambos precisam se preparar. Apesar da boa vontade, os professores não ajudam mais pela falta de conhecimento (Tulipa).

Sim. A escola e os professores estão preparados para me ajudar, inclusive a escola possui um professor itinerário (Amor-perfeito).

Observamos que na maioria quase absoluta escolas e professores encontram-se despreparados para a tarefa de educar os alunos com necessidades educacionais especiais. O que realmente fica comprovado é a capacidade e boa vontade dos professores em buscar alternativas (gravação de aulas, descrição das transparências, maior tempo para a realização das tarefas) para colaborar da melhor maneira possível com os deficientes visuais, para proporcionar-lhes uma boa aprendizagem. No caso de Amor-perfeito, a presença do professor de apoio itinerante é primordial para que ele classifique sua escola como preparada para atendê-lo.

Interessada em conhecer as soluções encontradas pelos deficientes visuais para realização de suas atividades escolares, obtivemos as declarações seguintes:

Todas as tarefas são efetuadas na biblioteca, com a ajuda dos voluntários (Mimo-do-céu).

Tudo resolvo no próprio Setor Braille. Eu peço para os voluntários lerem e digitarem os meus trabalhos (Papoula).

Utilizo o serviço dos voluntários da biblioteca (Jasmim).

Realizo as tarefas escolares com a ajuda dos voluntários, da minha irmã ou do professor itinerante (Amor-perfeito).

Minhas tarefas eu efetuo na biblioteca, com os voluntários, no CAP ou no Instituto de Cegos (Bem-me-quer).

Mais uma vez fica claro a dependência dos deficientes dos voluntários ou de instituições especializadas, já que escola e professores não estão capacitados para o atendimento desses alunos.

Participação da Biblioteca Pública do Estado da Bahia no processo inclusivo dos deficientes visuais

No processo de inclusão educacional, os deficientes visuais necessitam muito da colaboração intensa das outras pessoas. E, dentre os diversos locais de encontro dos deficientes visuais, a Biblioteca Pública do Estado da Bahia, através do Setor Braille, é considerada um dos estabelecimentos de apoio para estes deficientes. Portanto, ela deve estar o mais próxima possível das pessoas com perda ou diminuição da capacidade de visão, para que trabalhe de forma a proporcionar-lhes condições favoráveis para a efetiva inclusão nas unidades de ensino.

Visto dessa maneira, o tipo de apoio que é fornecido pela instituição, especialmente dos profissionais que nela trabalham, influencia na qualidade da participação dos deficientes visuais no processo de inclusão educacional. Esse apoio pode ser fornecido de diferentes maneiras, seja incentivando-os a prosseguir nos estudos ou auxiliando-os nas atividades escolares, como também fornecendo subsídios para que o educando possa utilizá-los no processo de aprendizagem.

Busca-se identificar a existência do apoio da biblioteca oferecido aos freqüentadores que possuem algum tipo de deficiência visual e de que forma ele ocorre. Objetivando analisar se os profissionais da Biblioteca ajudam nas atividades escolares, foram colhidas as seguintes respostas:

A biblioteca possui profissionais que auxiliam na hora de devolver material ou até mesmo escolher. Mas é o grupo de voluntários que lê todo o material fornecido pelos professores, além de transcrever do braille para a tinta, quando precisamos entregar alguma atividade ao professor (Margarida).

Não, os profissionais não ajudam nas atividades acadêmicas, apenas o grupo de voluntários que tem esta finalidade. Eles lêem, digitam trabalhos, gravam fitas e alguns que conhecem o braille, fazem transcrições (Dália).

Não. Só os voluntários, mas eles não pertencem ao quadro de profissionais do Setor Braille. Este grupo efetua leituras, gravações, digitalizações, transcrição em braille (Bem-me-quer).

Os voluntários sim, estes ajudam significativamente porém, os profissionais apenas fornecem algumas orientações; não possuindo um trabalho efetivo (Flamboyant).

Podemos perceber que a biblioteca tem pouca relevância no que diz respeito a apoiar os usuários deficientes na execução das tarefas escolares. Estes, por sua vez, encontram apoio junto ao grupo de voluntários que freqüentam, diariamente, o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, cedendo algumas horas do seu dia, no intuito de colaborar nas atividades escolares dos deficientes visuais, proporcionando-lhes um estreitamento na relação educando e escola, visando assim, uma educação inclusiva.

Nesse caso, não fica evidenciada, nos relatos dos entrevistados, a participação dos profissionais do Setor Braille na elaboração e execução das atividades relacionadas à aprendizagem dos usuários. Os profissionais limitam-se apenas a dar um suporte operacional nas atividades inerentes à biblioteca, tais como empréstimo e devolução de materiais.

Os materiais também são importantes no processo de inclusão no ensino dos deficientes. Os usuários foram questionados sobre o acervo da biblioteca, se a mesma possui materiais adequados e suficientes que lhe facilitem a participação na escola.

A biblioteca não possui material adequado e suficiente (Ciclame).

Não. Apenas possui um computador que com DOSVOX ajuda na aprendizagem (Gerânio).

Não suficientes, adequados sim. Temos acesso a fitas cassetes e computador com DOSVOX (Amor-perfeito).

Olha, não há quantidade de livro bom, mas alguns quebram o galho. Porém, eu particularmente, prefiro os livros à tinta, pois nestes temos informações atualizadas (Dois-amigos).

Não. Não existe material. O material atende precariamente até o ensino médio (Copo-de-leite).

Não tem material adequado. Os livros estão obsoletos, inclusive os códigos já estão ultrapassados (Cravo).

Fica evidente que a biblioteca não possui materiais adequados e suficientes que atendam as necessidades de todos os usuários com deficiência visual, garantindo qualidade na aprendizagem e, conseqüentemente, uma educação inclusiva eficaz.

O acervo bibliográfico do Setor Braille é extenso, se levada em consideração a dificuldade de aquisição do livro em Braille. Este material, porém, está obsoleto, uma vez que os códigos do Sistema Braille já estão ultrapassados, devido a reformulação ocorrida em 2002. Além disso, verificamos que o acervo é composto apenas por livros com conteúdos que só atingem até o ensino médio, não contemplando aqueles que já estão cursando, por exemplo, uma faculdade. Este fato é corroborado pela declaração de Copo-de-leite: “O material atende, precariamente, só até o ensino médio”.

No discurso de Amor-perfeito e de Gerânio, percebemos a importância de um computador com o programa DOSVOX. Esse é um sistema de síntese de voz, em português, que facilita o acesso de deficientes visuais à informática, garantindo a independência dos mesmos na utilização do computador como ferramenta de aquisição de conhecimento, uma vez que o programa efetua a leitura dos dados contidos na tela, como também dos editores de texto.

Outro aspecto interessante a ser abordado é que, mesmo tendo como mecanismo de leitura e escrita o Sistema Braille, muitos dos deficientes visuais preferem ter acesso às informações através das obras à tinta, como podemos comprovar com a citação de Dois-amigos: “... prefiro os livros à tinta”. Essa preferência é provocada pela demora ao acesso da obra em Braille, uma vez que o tempo gasto na transcrição de qualquer texto para esse sistema é muito prolongado, sendo uma tarefa bastante árdua e efetuada de forma manual. Como o mundo atual está em constantes mudanças e as informações nos chegam com grande velocidade e se tornam rapidamente obsoletas, os deficientes visuais não podem esperar pela disponibilização dos volumes em Braille, que ao se tornarem concretos já estão defasados. Optam, então, pela utilização dos livros à tinta, apesar deles os tornarem dependentes de uma pessoa vidente para a realização da leitura dos mesmos.

Procurando essa ajuda dada pelos videntes, é que os usuários da Biblioteca comparecem quase que diariamente à mesma em busca da cooperação do grupo de voluntários que lê, grava, digita e transcreve para a grafia Braille os materiais que são levados pelos próprios deficientes visuais.

Dessa maneira, o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia é considerado de fundamental importância pelos frequentadores. Isso fica evidenciado através das seguintes respostas:

É importante. Ganha autonomia. Muitos jovens trazem o material para ser lido ou batido em Braille (Mimo-do-céu).

Aqui é um setor de apoio, por isso acho importante. Se não fosse o Setor Braille não teria acesso à escola, Na minha vida pessoal e na escola, ela é de fundamental importância (Miosótis).

Com certeza. O Setor Braille é importante para minha aprendizagem na escola (Violeta).

Sim. Com certeza (Dália).

Apesar de terem a percepção de que os materiais disponibilizados pela Biblioteca Pública do Estado da Bahia que compõem o acervo do Setor Braille são insuficientes e inadequados para suprir as necessidades dos usuários deficientes visuais, bem como, a falta de auxílio permanente dos profissionais desta instituição na execução das atividades escolares dos entrevistados, a Biblioteca é considerada importante por todos.

Sua relevância ocorre tanto no processo educacional, quanto na vida pessoal. Para contribuir no aspecto pessoal do deficiente visual, a biblioteca constrói, em cada um deles, uma conscientização do papel que deve desempenhar na sociedade, além de ajudá-lo a ter uma vida independente, auxiliando-o no desenvolvimento da sua autonomia para que o mesmo conviva socialmente, transpondo as barreiras do preconceito, da insegurança e das limitações que, porventura, a patologia acarrete. A Biblioteca é um ponto de integração entre os deficientes. Observando a declaração de Bem-me-quer: "... aqui é também um ponto de encontro. Discutimos, conversamos, trocamos experiências", fica evidenciado que a biblioteca desempenha a tarefa de socialização dos deficientes, os quais, muitas vezes, dirigem-se até ela somente com o intuito de socializar-se.

Para alguns usuários, a Biblioteca tem como extrema relevância seu caráter de colaboração social. Ela é responsável pelos encontros e integração dos deficientes, porém não contribui efetivamente no processo de inclusão educacional. Isso fica evidenciado através do discurso abaixo:

A biblioteca sim é importante. O Setor Braille não. Aqui só funciona o grupo de voluntários, caso este grupo resolva ir para um outro local, a biblioteca não ter mais utilidade para mim (Flamboyant).

Acreditamos que a Biblioteca Pública do Estado da Bahia desenvolve, efetivamente, um trabalho de inclusão social dos deficientes visuais, desde quando lhes oferece a oportunidade de usufruírem não só do Setor Braille, mas também de outros setores e atividades da biblioteca, permitindo-lhes uma interação entre eles e deles com pessoas videntes. No entanto, sua participação na inclusão educacional é feita de forma precária e insuficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou identificar como o Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia atua perante a inclusão educacional dos deficientes visuais, frequentadores do mesmo. O

estudo foi embasado no depoimento de vinte e um usuários da biblioteca, portadores de cegueira total ou visão subnormal.

Considerando-se os propósitos desta pesquisa, verificamos que a maioria dos entrevistados não tem um conhecimento claro do que seja uma educação inclusiva. No entanto, à medida que vai se elevando o nível de escolaridade dos entrevistados, a noção de educação inclusiva vai se tornando mais clara e contundente. Entendemos que os deficientes, visuais ou não, devam ter informações ampliadas e seguras sobre o que é a inclusão educacional para que possam melhor participar do processo.

Para que a educação inclusiva saia da retórica discursiva e chegue às unidades de ensino é necessário adotar diretrizes políticas, que podem ser o diferencial para viabilizar a mudança de paradigma. É conveniente suporte físico, materiais, pessoais, técnicos e sociais para que a educação inclusiva se concretize.

Com o desenvolvimento deste trabalho, fica evidenciada a falta de condições estruturais do Setor Braille da Biblioteca Pública do Estado da Bahia para o atendimento dos deficientes visuais. É necessária uma renovação no material disponível, em qualidade e número. O aumento do quadro de funcionários efetivos possibilitaria uma disponibilidade maior dos mesmos para o atendimento aos usuários do Setor Braille que, assim, não dependeriam apenas do quadro de voluntários.

Atuando dessa maneira, a Biblioteca poderia identificar, de forma mais concreta, objetivos e necessidades dos deficientes, planejando as melhores maneiras de intervenções, amenizando os problemas evidenciados pelos mesmos, participando de forma decisiva e eficiente do processo de inclusão educacional. Ela assumiria um papel de facilitador do processo ensino-aprendizagem, optando pelo compromisso com a educação.

De qualquer forma, foi bastante salutar verificar que a biblioteca estimula o convívio social e a participação dos deficientes nas atividades realizadas em comunidade, proporcionando-lhes o exercício da cidadania.

Não se pode tratar o deficiente visual como um “excluído” da educação; o não enxergar traz limitações, mas o deficiente tem condições e o direito de ter uma vida normal e “aprender” como qualquer outra pessoa vidente. Além do que, as diferenças existentes entre os seres humanos podem e devem ser administradas na convivência social, considerando-se que a cooperação entre os indivíduos infere a plena certeza de que ninguém pode chegar a uma meta se todos não chegarem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgação em 05 de outubro de 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Escola Viva – Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: SEESP, 2000.

BUENO, J. G. S. **Educação inclusiva e escolarização dos surdos**. Rev. Integração, Brasília, v. 23, p. 37-42. 2001.

ESPANHA. Declaração de Salamanca, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Por uma escola para todos**. 1999. Trabalho apresentado no Seminário Capixaba de Educação Inclusiva – buscando a construção da prática na educação inclusiva, Vitória, 1999.

MERCH, Leny Magalhães. **Os Principais Paradigmas da Educação Especial**, 1999. Trabalho Apresentado, Natal, 1999.

RUDIO, Franz V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

RUIZ, João A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi . Entrevista. **Rev. Integração**, Brasília, n. 20, p. 8-9. 1998.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

NOTAS

[2] Os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes de flores, atendendo a exigência da lei.